

Relatos de experiências docentes na Educação Escolar Indígena de Povos Pataxó do extremo sul da Bahia e Tupinambá de Belmonte

Reports of teaching experiences in indigenous school education of the Pataxó peoples of the far south of Bahia and Tupinambá of Belmonte

Relatos de experiencias docentes en la educación escolar indígena de los pueblos Pataxó del extremo sur de Bahía y Tupinambá de Belmonte

BRAÚNA, Ludmila Andrade Machado¹

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: andrademachadolu@gmail.com

DEOCLECIANO, Ednajara Pesca de Jesus²

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: ednaeducar@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9680390639214088>

MURUA, Gabriela Fernandes Feliciano³

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: gabymurua@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0794-7793>

SANTOS, Tânia Sena dos⁴

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: tania06.sena@gmail.com

SANTOS, Tatiane Queiroz Pereira dos⁵

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: tatixaina7@gmail.com

SANTOS, Valderéz Francisco dos⁶

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: valderézfranciscodossantos@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1954723658682488>

SANTOS, Valdirene Sales dos⁷

Instituição: Universidade Estadual da Bahia
E-mail: larawesales@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7529423308832347>

Recebido: 17/07/2025 | Revisado: 06/08/2025 | Aceito: 20/08/2025 | Publicado: 03/09/2025

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17026727>

¹ Professora no Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena (2020), Campus X/UNEB.

² Professora na Escola Indígena Pataxó De Barra Velha e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena (2020), Campus X/UNEB.

³ Professora da Pedagogia e Licenciatura Intercultural Indígena, Campus X/UNEB.

⁴ Professora na Escola Municipal Indígena Pataxó Trevo do Parque e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena (2020), Campus X/UNEB.

⁵ Professora na Escola Municipal Indígena Patiburi e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena, turma 2020, Campus X/UNEB.

⁶ Professora na Escola Indígena Tawá e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena, turma 2020, Campus X/UNEB.

⁷ Professora na Estadual Indígena Coroa Vermelha e estudante da Pedagogia Intercultural Indígena (2020), Campus X/UNEB.

RESUMO: Este artigo reúne relatos de experiências docentes vividas por graduandas da Pedagogia Intercultural Indígena (PIEEI) 2020 dos povos Pataxó e Tupinambá de Belmonte. Com base em práticas concretas, busca-se inspirar outras escolas na criação de atividades e materiais que valorizem a memória, a cultura e a identidade indígena. A educação escolar indígena é entendida como espaço de resistência e afirmação. O texto apresenta seis experiências pedagógicas desenvolvidas em diferentes escolas, com foco no resgate das memórias, na oralidade, na ancestralidade e na valorização dos saberes tradicionais. A sistematização dessas práticas evidencia a potência da educação intercultural, que integra ciência, tradição e pertencimento. O artigo defende a escuta das vozes indígenas e a produção de materiais que reflitam suas realidades, contribuindo para uma educação mais justa, enraizada e plural.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Povo Pataxó, Povo Tupinambá, Experiência.

ABSTRACT - This article brings together accounts of teaching experiences of undergraduate students of the 2020 Indigenous Intercultural Pedagogy (PIEEI) program from the Pataxó and Tupinambá peoples of Belmonte. Based on concrete practices, it seeks to inspire other schools in the creation of activities and materials that value Indigenous memory, culture, and identity. Indigenous school education is understood as a space of resistance and affirmation. The text presents six pedagogical experiences developed in different schools, focusing on the recovery of memories, orality, ancestry, and the appreciation of traditional knowledge. The systematization of these practices highlights the power of intercultural education, which integrates science, tradition, and belonging. The article advocates for listening to Indigenous voices and the production of materials that reflect their realities, contributing to a more just, rooted, and pluralistic education.

Keywords: Indigenous School Education; Pataxó People; Tupinambá People; Experience.

RESUMEN - Este artículo reúne relatos de experiencias docentes de estudiantes de grado del programa de Pedagogía Intercultural Indígena (PIEEI) 2020 de los pueblos Pataxó y Tupinambá de Belmonte. A partir de prácticas concretas, busca inspirar a otras escuelas en la creación de actividades y materiales que valoren la memoria, la cultura y la identidad indígenas. La educación escolar indígena se entiende como un espacio de resistencia y afirmación. El texto presenta seis experiencias pedagógicas desarrolladas en diferentes escuelas, centradas en la recuperación de memorias, la oralidad, la ancestralidad y la valoración de los conocimientos tradicionales. La sistematización de estas prácticas resalta el poder de la educación intercultural, que integra ciencia, tradición y pertenencia. El artículo aboga por escuchar las voces indígenas y la producción de materiales que reflejen sus realidades, contribuyendo a una educación más justa, arraigada y pluralista.

Palabras clave: Educación Escolar Indígena; Pueblo Pataxó; Pueblo Tupinambá; Experiencia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo enseja refletir acerca das experiências docentes das graduandas da turma de Pedagogia Intercultural Indígena (PIEEI) 2020 dos Povos Pataxó e Tupinambá de Belmonte, com o objetivo de relatar experiências concretas que inspirem outras escolas na produção de atividades pedagógicas e materiais didáticos que retratem a realidade de cada povo, que valorize suas memórias ancestrais e contribua para a reafirmação da identidade indígena dos alunos. Este artigo foi produzido coletivamente no componente curricular “Produções de Materiais Didáticos na Escolas Indígena”.

A Educação Escolar Indígena, para além de suas normativas e legislação, possui um papel revolucionário, pois se propõe a ofertar aos indígenas formas de retomar seus direcionamentos, por meio de processos formativos, identitários e que são, também, de luta e resistência. Propomos uma mudança de olhar acerca dos Povos Indígenas do Brasil, de nossas memórias ancestrais, nossas narrativas, nossas histórias e saberes, nossas línguas. De tudo aquilo que nos foi retirado de maneira tão violenta. Até hoje sofremos com os propósitos coloniais de apagamento, silenciamento e invisibilidade, aos quais lutamos incessantemente contra.

É preciso, então, que se reconheça que não são meros detalhes históricos que nos distanciam dos reais propósitos de nossa educação, de uma práxis que seja condizente com os sonhos plantados por nossos anciãos. Entretanto, há toda uma luta para enfrentar determinações sistêmicas que questionam nossos direitos e o dever reparatório do Estado para com eles.

A constituição 1988 - em seu artigo 210 - e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação da Educação, Nacional (LDB, 9.394/96) - nos artigos 78 e 79 - asseguram aos povos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, intercultural e bilingue. Com suas práticas e formas de aprendizagens, valorizando a língua materna e os demais conhecimentos tradicionais. Apesar disso, ainda hoje, enfrentamos muita dificuldade de efetivar esse modelo de ensino devido à diversas violações, dentre elas: a falta de sistematização das experiências produzidas pelos próprios professores e a ausência de materiais específicos que dialoguem com a realidade das aldeias.

Para Ailton Krenak, a produção de memória de um povo acerca de si, enquanto coletivo, é o que promove uma consciência crítica capaz de evitar as manipulações e de

produzir narrativas do mundo que partam da sua vivência:

A memória te autoriza a criar uma narrativa sobre o mundo (...) nesse sentido, vale a pena pensar em produção. É uma produção de memória. Porque se você vê um povo que foi totalmente segregado, que foi humilhado (...) e que perdem a memória de si, de quem são, produzir memória sobre si, como coletivo, como ser social, ela é um fenômeno maravilhoso, eu acho que é uma ação política ativa. (KRENAK, 2020)

Nesse sentido, a seguir apresentaremos seis experiências vivenciadas por professoras indígenas que ao sistematizarem projetos e/ou atividades realizadas com seus estudantes, estão a produzir memórias sobre os povos Pataxó e Tupinambá e sobre as metodologias e tecnologias sociais que podem ser manuseadas nessa produção.

Relato das Experiências



Professora Indígena: Ednajara Pesca de Jesus Deocleciano

Experiência: **Memórias Literárias**

A aldeia Pataxó Barra Velha fica localizada na Terra Indígena (TI) Barra Velha no Extremo Sul da Bahia, município de Porto Seguro. Em uma área de 8.627 hectares, entre os povoados de Caraíva e Corumbau, nossa terra está à beira mar e é o território de aproximadamente 4.175 indígenas.

A **Escola Indígena Pataxó Barra Velha** é uma escola municipal de médio porte, atende cerca de 500 alunos e oferece da educação infantil ao ensino médio. Criada em 2003, a escola é fruto da luta do Povo Pataxó de Barra Velha, que reivindicava uma escola que dialogasse com os saberes e modo de vida do nosso povo. Uma escola intercultural onde pudéssemos aprender os conhecimentos convencionais e, ao mesmo tempo, fortalecer nossa cultura e identidade.

É inspirado nessa compreensão que surge o projeto Memórias Literárias, com o objetivo de desenvolver as habilidades de escrita e oralidade. Além de proporcionar um encontro geracional, onde os estudantes têm a oportunidade de ouvir e de aprender com as vivências dos mais velhos da comunidade. As memórias também contribuem para a preservação das histórias de vida dos anciãos, fazendo com elas sejam registradas e eternizadas, ao serem lidas por outras gerações.

O projeto foi desenvolvido com duas turmas do 3º ensino médio – os estudantes foram divididos em duplas para realizarem entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade. Eles mesmos produziram os roteiros para as entrevistas, que foram gravadas pelo celular e depois transcritas em sala de aula. A partir dos relatos, as memórias literárias foram elaboradas.

Antes da pesquisa, é importante mencionar que explicamos em sala o que é o gênero textual “Memórias Literárias”, que se trata de um texto narrativo, escrito em primeira pessoa e que relata a vida do autor ou de outras pessoas. Diferente da biografia, este gênero permite aos alunos usarem a criatividade na produção. As memórias foram reunidas num e-book com outros trabalhos da área de linguagem. E, posteriormente, apresentados na escola. Esse registro também servirá como material para turma do ano seguinte. Ao invés de trazer exemplos de memoriais da internet, traremos essa experiência, produzida pelos próprios colegas.



E-book IÊ A'ATXU UPÂ KOHTÚ, 2025.

Essa experiência incentivou os alunos a conhecerem as vivências dos mais velhos, valorizando a história de seu povo. Além de contribuir para o desenvolvimento da escrita e o fortalecimento da oralidade.

Foi uma forma de eternizar as memórias dos anciãos. Os estudantes coletaram relatos de pessoas que hoje já não estão mais entre nós, que já ancestralizaram. São escritos que vão nos permitir conhecer a vida daquela pessoa. Por isso a importância do registro, pois conhecer a memória de um mais velho possibilita que gerações futuras

tenham acesso à sua própria história. Sempre que os estudantes vão fazer as pesquisas e retornam para dialogar sobre elas em sala, eu ouço: "professora, eu nem sabia disso (...) eu não conhecia isso. Eu não sabia essa música, eu não tinha esse conhecimento...".

Eles vão pesquisar o avô, o próprio tio e descobrem histórias que eles não conheciam e que eles vão conhecer a partir da entrevista. E os trabalhos ficam encantadores, pois eles são o esforço do estudante em relatar na escrita esse encontro de aprendizado que a oralidade proporciona.

Ao realizar o projeto encontramos desafios, tais como: a dificuldade para que os entrevistados dessem as informações solicitadas; e a sistematização dos textos. Algo que pode ajudar, nesse sentido, seria a realização de oficinas específicas para trabalhar as sistematizações do texto. A seguir apresentaremos alguns exemplos das memórias literárias construídas pelo projeto:

No peito, a cicatriz — na alma, a aldeia

(Memória de José Sales dos Santos – Piega)

Nas matas da minha Aldeia Mãe, Barra Velha, onde o vento sussurra histórias antigas e o tempo caminha descalço sobre a terra, eu nasci, José Sales dos Santos, em 26 de agosto de 1946, filho de Francisco e Maria Tereza, filho do mato, do mar e da memória. Me chamam de Piega, nome que ecoa entre folhas, que dança com o som das marés. Nunca fui à escola, mas aprendi com o mundo, com o cheiro do peixe fresco, com o peso da enxada, com o silêncio sábio das noites de lua cheia. Casei-me com Maria José, minha companheira de todos os tempos. Casamos três vezes: no papel, no altar e sob o olhar dos ancestrais — civil, igreja e Funai. Doze filhos nasceram do nosso amor, um deles voltou antes mesmo do choro. Mesmo assim, cada nome é uma estrela brilhando no céu da minha história. Fui pescador, fui homem da roça, fui raiz e sustento. Trabalhei porque era preciso, mas também por tradição, porque o ofício é também oração quando se vive em comunhão com a natureza. Hoje, aposentado, mantenho um pequeno comércio, mas o que vendo mesmo são histórias, lembranças, conselhos. Fui líder, fui voz, fui escudo da minha aldeia, e vi com os próprios olhos nossa terra sagrada ser reconhecida: território indígena, enfim, com nome, com alma, com direito de existir. Mas nem tudo foi luz. A escuridão também passou por mim. Em 1951, quando eu ainda era menino, o fogo chegou sem aviso. Nossa aldeia foi invadida, queimada, o desespero soprou mais forte que o vento. Trago no peito

uma cicatriz, marca do fogo, da dor, mas também da sobrevivência. E assim sigo vivendo, entre lembranças e esperanças, com os pés fincados na mesma terra que um dia me viu nascer. Eu sou José, sou Piega, homem do tempo, e carrego em mim o mapa de uma aldeia inteira, com dores, com lutas, mas, acima de tudo, com vida.

Aluna (escritora): Clarice Braz, 3ºA.

Maria Coruja: a força de uma aldeia

Me lembro do cheiro do mangue, forte e salgado, grudando na pele como lembrança que nunca se vai. Eu era pequena, devia ter uns cinco anos, quando comecei a acompanhar minha mãe e minha irmã na lida diária, os pés afundando no barro, as mãos calejadas antes mesmo de entender o que era infância. Não tive brinquedos, nem escola. Tive a força da minha mãe, que nos ensinava a viver mesmo com o mundo pesando nas costas. Meu pai? Nem cheguei a ver. Foi embora antes mesmo de eu nascer. A ausência dele virou silêncio na nossa casa, um silêncio que aprendi a preencher com coragem. Mas nenhum silêncio foi tão profundo quanto aquele dia... Era 1951. Eu tinha sete anos. O céu estava claro demais para a tragédia que viria. Lembro que a gente estava reunido perto da mata, quando escutamos os gritos e os tiros cortando o ar. A polícia chegou como fogo: queimando tudo, destruindo o que éramos, o que tínhamos. Minha mãe me puxou pela mão e corremos, eu tropeçando nas raízes, o coração batendo mais forte que os estampidos dos fuzis. Vi crianças caindo, vi anciões que não conseguiram fugir. A mata nos escondeu, mas não apagou o medo. Passei a noite com o corpo colado à terra, ouvindo os lamentos do meu povo misturado ao barulho das folhas. O massacre do Fogo de 51 não me levou fisicamente, mas levou uma parte da minha inocência. Desde então, entendi que resistir era questão de sobrevivência. Não chorei naquele dia. Chorei depois, sozinha, quando percebi que minha aldeia nunca mais seria a mesma. Na vida adulta, a luta continuou. Casei com José Matias, meu companheiro de jornada, e juntos formamos uma família grande: onze filhos, oito sobreviventes. Trabalhei no que aparecia — merendeira, faxineira, artesã. Fiz colares e pulseiras com as mãos que antes tiravam mariscos do mangue, vendi nas praias, nos becos de cidades grandes, e em cada peça levava um pedacinho da minha história. Lutei pra trazer uma escola pra Aldeia Pará, porque sabia o valor do que nunca tive. Ajudei a abrir estrada onde só havia mato, e batalhei até vermos a água jorrar do poço que tanto pedimos. Nunca fui de falar bonito, mas andei por muitos cantos levando a voz

da minha aldeia. Ainda ando, com o corpo cansado, mas o espírito firme. Hoje, quando fecho os olhos, não penso no medo daquele fogo de 1951. Penso na semente que ficou. Porque a gente ardeu, sim, mas não virou cinza. Virou raiz.

Aluna (escritora) Irisnã da Conceição Ferreira, 3º A.



Professora Indígena: Ludmila Andrade Machado Braúna

Experiência: **Feira Nordestina**

Minha comunidade está localizada no município de Prado, na Bahia. Tem por nome Aldeia Indígena Craveiro, foi batizada assim por encontrarmos muitos pés de cravo quando fizemos a sua retomada, há 25 anos atrás. Ainda estamos em processo de demarcação, na luta pelo direito à terra.

Nossa aldeia não é tão grande, nela habitam cerca de 52 famílias, aproximadamente 150 indígenas. Já conquistamos o posto de saúde e a nossa escola - **Colégio Estadual Indígena Aksã Pataxó** - que contém sete salas, uma secretaria e dois banheiros. A maior fonte de renda da comunidade é o nosso colégio, que gera 38 vagas de trabalho: 3 cozinheiros, 17 professores, 3 auxiliares, 6 motoristas, 4 zeladoras, 2 coordenadores, 2 secretários e 1 gestor. Dessas 38 vagas, a maioria são de indígenas, o que garante que nossa escola seja refletida, planejada e conduzida por nós mesmos. Para nós, Povo Pataxó, isso faz toda diferença, uma vez que lutamos por uma escola que fortaleça e respeite nossos saberes e formas de transmissão do conhecimento.

Nesse sentido, fazemos todo ano o projeto Feira Nordestina, com foco na aprendizagem dos estudantes, da comunidade e dos convidados de fora. A feira é uma ótima oportunidade para celebrar e valorizar as tradições culturais da região. Ao promover a música, a dança, a culinária e o artesanato, o projeto ajuda a preservar e transmitir esses saberes às novas gerações. Sabemos que o Nordeste é, também, território indígena. Diversos povos contribuíram para a cultura dos estados nordestinos. Propor uma feira nordestina é uma forma rica de celebrar a cultura e suas diferenças, e, por meio do processo educativo, fortalecer laços comunitários.

A metodologia da feira nordestina é uma abordagem que busca resgatar e valorizar

a cultura, a gastronomia, o artesanato e as tradições do Nordeste do Brasil. Essas feiras são espaços de convivência, onde se promove a troca de saberes e a interação entre os visitantes, a escola e a comunidade. A seguir, apresentamos os passos para construí-la:

- 1) Separar os Estados que cada grupo irá apresentar.
- 2) Cada turma pesquisará a cultura de cada Estado, modo de vivência, pratos típicos e músicas.
- 3) Após pesquisa, sistematizar o que será apresentado, qual o prato típico a ser cozinhado (beiju, peixe assado, bolo de aipim, bolo de puba, tapioca, farinha moreninha, acarajé, moqueca de peixe, caranguejo entre outros...) e qual a arrumação ideal para o dia do evento. Os alunos confeccionam todo o material a ser apresentado no dia, desenham em tela ou cartaz a bandeira do Estado, colocam em cartazes os pratos típicos e montam as roupas típicas de cada estado.

A Feira é um espaço que ensina sobre a construção coletiva do aprendizado cultural e uma experiência em que o estudante se desafia a compartilhar com a comunidade e visitantes um conhecimento adquirido. É, portanto, também um exercício da prática da oralidade.

A experiência da feira nordestina é uma oportunidade de os estudantes indígenas vivenciarem uma prática de pesquisa e refletirem sobre o que é valorizar uma cultura em suas diversas expressões: comidas, artesanatos, músicas. As feiras são, ainda, locais de socialização e interação comunitária. Elas reúnem pessoas de diferentes idades e origens, fortalecendo os laços sociais e promovendo um senso de pertencimento.

Consideramos fundamental envolver a comunidade no planejamento da feira para garantir que ela atenda às necessidades e desejos da aldeia, pois o que se ensina tem como prioridade o fortalecimento da nossa cultura e o estreitamento da convivência entre escola e comunidade.

Alguns desafios podem surgir na construção da feira, são eles: a falta de infraestrutura necessária, como espaços adequados, banheiros ou acesso a água e energia; pode haver resistência ou falta de interesse da comunidade; a falta de recursos financeiros. Uma sugestão é valorizar as apresentações culturais, como música e dança, que envolvem os participantes e não torna o evento exaustivo apenas com apresentações escritas. Além de focar em práticas sustentáveis, como o uso de materiais recicláveis e alimentos produzidos pela própria comunidade, contribuindo para a preservação ambiental

e para a organização comunitária.

As feiras nordestinas podem se tornar uma metodologia poderosa que envolve ferramentas de pesquisa, reflexão crítica sobre a história dos estados do nordeste e seu vínculo com os Povos Indígenas, além de incorporar tecnologias sociais do nosso povo, tais como a prática da oralidade, a valorização da cultura a partir de diversas expressões que mobilizam a escrita, as imagens, as narrativas orais e o movimento do corpo.



Fotos da atividade.



Professora Indígena: Tânia Sena dos Santos

Experiência: **Plantas Medicinais na Comunidade Trevo do Parque**

Minha comunidade, Trevo do Parque, fica localizada no município de Itamaraju, TI Barra Velha. É uma aldeia pequena, com pouco mais de 60 famílias, que sobrevivem do artesanato com matéria prima retirada da natureza. Estamos no processo de revitalização da nossa língua materna - o Patxohã - fazendo um trabalho escola/comunidade. Nossa escola - **Escola Municipal Indígena Pataxó Trevo do Parque** - é uma escola pequena, com duas turmas multisseriadas: educação infantil e fundamental até o 5º ano. Além de uma sala de atendimento especial.

O projeto foi realizado com intuito de preservar os conhecimentos tradicionais do

nosso povo com relação as ervas medicinais, mantendo e fortalecendo a nossa cultura dentro da nossa comunidade/escola. A cultura dos povos indígenas é rica em tradições e conhecimento. Isso se estende também ao cuidado com a saúde, de modo que as diversas práticas e os saberes compõem a chamada **medicina indígena**. Essa sabedoria é transmitida entre as gerações, incluindo a relação com a floresta e com o meio ambiente. Compreendendo a importância de se transmitir esses conhecimentos para nossos estudantes, a experiência relatada teve como propósito despertar as habilidades científicas através de aulas de campo e ludicidade.

Essa atividade foi construída por mim e pela professora Caline de Souza Soares Sena e foi realizada com a turma do fundamental 1° a 5° ano e turma da Educação Infantil I. Para executá-la construímos uma metodologia abarcando três momentos:

- ❖ 1° momento: apresentamos o tema da aula para os estudantes, explicando que as plantas medicinais são todas aquelas que possuem princípios ativos que ajudam no tratamento de doenças ou que ajudam a melhorar a saúde ou qualidade de vida da pessoa.
- ❖ 2° momento: apresentamos mostras das plantas medicinais presentes na comunidade e realizamos uma roda de conversa explicando os benefícios de cada planta. Os estudantes puderam manuseá-las, observando sua textura e aspecto, trocando informações e podendo esclarecer suas dúvidas.
- ❖ 3° momento: mostramos na prática o preparo dos chás. Esse momento foi organizado em conjunto com a equipe da cozinha da escola, que nos auxiliaram no manuseio e preparação. Após aprenderem a fazer os chás, os estudantes foram convidados a conhecer os sabores dos chás produzidos.



Fotos da atividade.

A experiência contribuiu para que as crianças pudessem compreender a importância dos conhecimentos tradicionais do nosso povo, assim mantendo-o de geração em geração. Sugerimos, para aprofundar mais a experiência, levar as crianças para buscar na natureza as plantas medicinais, assim conseguirão identificá-las e conhecer suas propriedades.



Professora Indígena: Tatiane Queiroz Pereira dos Santos

Experiência: **Sítios arqueológicos e Urna Funerária comprovação histórica da existência do Povo Tupinambá de Belmonte**

Nossa comunidade, Patiburi do Povo Tupinambá, está localizada às margens do rio Jequitinhonha no município de Belmonte/Bahia, estamos a 15 km do povoado mais próximo – Boca do Córrego. Nosso território abrange o equivalente a 9.523 h.c. e ainda está em processo demarcatório (portaria declaratória). Hoje somos 23 famílias que residem dentro da aldeia e ocupamos cerca de 25% do território, de onde tiramos nosso sustento através da agricultura, pesca, caça, plantios etc.

A **Escola Municipal Indígena Patiburi** é composta por uma sala de aula, dois banheiros e uma cozinha, mas que ainda não é um prédio escolar. Foi um espaço doado e construído por uma igreja para que pudéssemos ter um local para atender nossas necessidades: escola, atendimento médico, moradias de pequeno prazo etc. Atualmente, temos 20 alunos: 6 são da turma multisseriada - que é do primeiro ao quinto ano - e os outros 14 são da Educação de Jovens e Adultos (EJA) - turma onde estou como professora. Temos também 3 funcionários, mais dois professores e um auxiliar de serviços gerais.

Nossa escola ainda traz os traços de uma escola do campo, com seus planos de aulas encaminhados direto da diretoria do Núcleo Rural III de Belmonte. Por iniciativa própria, conseguimos incluir nossas tradições em sala de aula, trazendo um pouco da interculturalidade para nossos alunos. Mesmo com a falta de recursos disciplinar e interdisciplinar, conseguimos atingir alguns objetivos culturais e tradicionais.

E é pensando na ausência de materiais didáticos para nossa escola que trago, nesse artigo, algumas pequenas experiências envolvendo o nosso sítio arqueológico e, principalmente, nossa urna funerária - encontrada em nossa aldeia, no ano de 2017, por um indígena que trabalhava no preparo da terra para plantio. Mesmo não sendo um projeto consolidado, temos construído iniciativas envolvendo as urnas funerárias e os sítios arqueológicos, como forma de reconhecer e comprovar nossa presença nesse território, de valorizar nossa ancestralidade junto aos estudantes, reforçando a identidade cultural e mostrando a potência da educação intercultural indígena.

Hoje somos a primeira comunidade a ter guarda compartilhada com IPHAN, tivemos o poder de ficar com nossa urna no local onde ela foi reencontrada. Nesse local será

construído um museu, com um observatório, para que alunos de todos os lugares possam visitar e construir conhecimentos através desse espaço sagrado e tão importante para a nossa comunidade.

Foram diversas experiências que tivemos na escola e na comunidade desde o reencontro da urna: visitas nos sítios arqueológicos; escavação da urna; reuniões com IPHAN e arqueólogos; palestras com universidade; apresentações em reuniões dos materiais já datados e analisados; e visita do IPHAN para construção do museu.



Início da escavação da urna



Momento da comunidade em respeito a urna e aos ancestrais



Visita aos sítios arqueológico com os arqueólogos



Dois alunos com sua avó ao lado da urna

Eu - na época, professora da turma multisseriada – considerei fundamental envolver os estudantes nesse que foi um acontecimento importantíssimo para o fortalecimento da

história e da luta territorial da nossa comunidade. Nesse sentido, realizei duas atividades com alunos da Escola Indígena Patiburi: a primeira delas foi trabalhando com argila na construção de mini urnas funerárias, que simbolicamente representariam a nossa urna; e a outra foi levar a turma em uma reunião com arquitetos e agentes do IPHAN, cujo objetivo era refletir a construção do museu. A partir dessa reunião, os alunos desenharam como seria, para eles, esse museu com o observatório.



Aula com alunos da turma multisseriada em torno da urna e com a presença do IPHAN



Alunos reproduzindo a miniatura da urna

Essa urna funerária e os sítios arqueológicos são importantes para a demarcação e garantia do nosso território, da nossa identidade e memória dos nossos que ali viveram, antes de nós. Incorporar o artefato e os sítios como conhecimento dentro da escola indígena é fortalecer junto aos mais novos a história e identidade do Povo Tupinambá de Belmonte. O maior desafio, atualmente, é construir um projeto incorporando essa referência histórica em toda a escola e não apenas em minhas aulas. E que se torne um projeto da Escola Indígena Patiburi, mas que possa abranger e inspirar outras escolas indígenas, não indígenas e as universidades.



Professora Indígena: Valderéz Francisco dos Santos

Experiência: **Resgatando contos para o Luau na Comunidade Indígena Tawá.**

A Comunidade indígena Tawá, pertencente a Terra Indígena (TI) Comexatiba, está localizada em Prado/ Bahia, próximo a Corumbau. Foi fundada em 2002, com 20 famílias, hoje tem 189 famílias. Nosso território está em processo de estudo, não sendo ainda demarcado.

A comunidade Tawá não tem um posto de saúde próprio, quando a equipe médica vai fazer o atendimento, ele é realizado em uma casa particular alugada pela prefeitura do município, mas já temos projeto de construção do nosso posto de saúde. Temos também uma associação de pescadores indígenas na comunidade.

Nossa escola - **Escola Indígena Tawá** - conta com sete salas de aula, secretaria, cantina, duas alas de banheiros - femininos e masculinos - e uma área que é utilizada para reuniões. A mesma era extensão da escola Corumbauzinho, no dia 20/07/2015 passamos a ter portaria própria de nº 5055/2015. No momento, a escola está em processo de ampliação, está sendo construída: quadra poliesportiva, mais seis salas de aula, um auditório, refeitório, espaço administrativo, espaço de serviço com área de depósito, cozinha, parque infantil, campo de areia, castelo de água, salas de professores e laboratório. Essa é uma conquista da luta de nosso povo, que acredita que as escolas indígenas precisam ter estrutura. Temos em média 379 alunos, distribuídos entre educação infantil, fundamental anos iniciais, fundamental anos finais, ensino médio e educação de jovens e adultos.

Antes de apresentar a experiência a ser relatada, vou apresentar uma poesia que contextualiza a nossa escola:

História do Colégio Tawá

É com orgulho no peito
E na cabeça o cocar
Que falo a vós com respeito
Sobre meu Colégio Tawá

E falo com toda certeza
A você que me escuta
Que nosso espaço foi feito
De força, resistência e luta.

Não foi trazido de fora
Tampouco veio da cidade
O que vivemos agora
Nasceu em comunidade.

Como toda criação
Que se inicia do zero
Aos poucos ganhava vida
E crescia, o nosso Colégio.

No começo foi difícil
Impossível, talvez

Os alunos eram pouquíssimos
Contavam uns dois ou três.

Mas o que era só papel
De repente foi crescendo
A árvore foi dando frutos
E os frutos se tornaram alimentos

A busca por identidade
Pulsava forte na veia
E a educação ganhava visibilidade
Dentro e fora da nossa aldeia.

Hoje, olhando para trás
É impossível não se emocionar
Com tudo o que já passamos
Com o que somos e o que ainda virá.

Vinte e três anos de história
Sendo 10, de portaria.
Continuamos nessa trajetória
Buscando por melhorias.

Temos um espaço novo
Uma estrutura potente
E versados na cultura
Um grande corpo docente

A luta não pode findar
Estaremos em constante progresso.
Pois a educação não vai acabar.
Nem se tornar retrocesso.

Se hoje estamos aqui
Foi por força e determinação
De alguém que outrora sonhou
No nosso espaço quanto nação.

Finalizo essa fala
Ainda com muito orgulho
Agradecendo em nome de todos
Professores, funcionários e alunos.

Juntos acreditamos
Que o mais novo ainda virá
Pois esse continua sendo o sonho
Do nosso Colégio Tawá.
Awêry!!!

Poema de autoria do nosso professor Fernando Francisco

Consideramos que a escola tem o papel de fortalecer a cultura e identidade do nosso

povo, nesse sentido, incentivamos trabalhos que tenham como foco as transmissões do conhecimento de forma oral e geracional – passada dos mais velhos aos mais novos da comunidade. Um deles foi organizado pelos professores e alunos do ensino fundamental II e do ensino médio, cujo objetivo foi resgatar os contos e lendas narradas antigamente pelos mais velhos nas fogueiras em noites de Luau.

Para coletar os contos e lendas, foram organizadas equipes de pesquisa de cinco alunos cada, acompanhados por um professor regente. Com questionários semiestruturados, cada equipe ficou responsável por um ancião. No momento da entrevista, em alguns contos utilizou-se o celular para a gravação, enquanto em outros foram usados papel e caneta para registrar as narrativas dos mais velhos.

Com essa atividade, obtivemos muitas histórias e lendas que até então os alunos não tinham conhecimento e que foram apresentadas por eles em um Luau - mesmo aqueles anciões que não puderam participar do Luau, tiveram suas histórias e lendas narradas pelos próprios estudantes.

Através desse trabalho coletivo, foi despertado no aluno o interesse em conhecer mais sobre essas narrativas e a valorização dos conhecimentos tradicionais dos anciões e anciãs. Além disso, contribuiu para o fortalecimento da prática de contação de história dos nossos antepassados, que vem se perdendo junto as novas gerações. É importante dizer que essa perda da prática nos parece atrelada ao impacto da introdução da tecnologia em nossas comunidades, que passa a ocupar o tempo livre em que nos reuníamos para compartilhar nossos contos e lendas ao pé da fogueira.

Nossos maiores desafios foram agendar e dialogar com os anciões, pois muitos não queriam ser filmados, e aprendemos, com isso, a respeitar o tempo deles. Além disso, a falta de material adequado, impactou na realização da pesquisa, ainda que não tenha comprometido significativamente o resultado final. Abaixo apresento alguns contos coletados na comunidade indígena Tawá:

“Não bate a cancela, não!”

Seu Izael era um rapaz corajoso, que andava pela região a qualquer hora da noite. Sempre que tinha alguma necessidade, ele se deslocava daqui para o Prado ou para Itamaraju (que na época se chama Escondido) independente do horário que fosse.

Uma vez ele teve que sair daqui para ir até Escondido, comprar o enxoval do seu sobrinho que estava prestes a nascer. Chegou na pequena cidade, fez as compras e... Como ele estava com um burrinho que era arisco, não quis ficar para dormir na casa dos parentes. Saiu com o sol já se pondo.

Certa altura, com a noite bem clara e a lua cobrindo a copa das árvores, ele acendeu um cigarro e de repente se lembrou que em poucos minutos iria passar perto de um cemitério. Sem medo, o rapaz atravessou o cemitério e até então nada de diferente havia acontecido.

Fez o percurso normal, e ao sair do cemitério, iria entrar em uma mata fechada. Antes de chegar na mata, coisas estranhas começaram a acontecer.

Primeiro ouviu sons como se fosse um animal acompanhando-o por dentro da mata, então ele começou a se preparar, temendo ser uma onça ou um outro predador. Os passos foram acompanhando-o e se intensificando à medida que ia avançando. Logo, ele alcançou uma cancela (espécie de porteira) que havia na estrada, dividindo a passagem.

Ao tocar na cancela, foi aí que o pior aconteceu. O rapaz ouviu uma voz um pouco fanha que falou bem próximo dele: **“NÃO BATE A CANCELA NÃO”**.

Imediatamente o rapaz puxou a cancela, atravessou com o burro e com toda a força que ele tinha bateu a cancela tão forte que o estalo foi assustador. Seguiu correndo até certa altura, quando percebeu que estava muito longe, desceu e deu descanso para o burro, que também estava muito assustado.

Hoje, seu Izael é um dos moradores mais antigos aqui da comunidade, e se você ir visitá-lo a qualquer hora do dia e perguntar sobre esse ocorrido ele vai contar como se tivesse acontecido ontem. Ele conta também que se não tivesse batido a cancela, talvez a assombração o teria perseguido por todo o percurso até ele chegar em casa.

O grito horripilante

Antigamente, um homem vinha caminhando da praia da Japara em Cumuruxatiba com destino à Barra do Cahy, onde ele morava. Isso, já sendo altas horas da noite, a lua cheia bem alta o ajudava a ter uma visão mais clara à sua frente.

Com a maré baixa, e os sons das ondas bem calmos, o homem vinha caminhando sempre atento e por muito tempo fez uma viagem calma e tranquila... E seria assim até chegar em casa, ao menos era o que ele imaginava...

Mas, em um determinado momento, o homem começou a escutar assovios agudos por cima das barreiras próximo à praia. Ele logo estranhou, pois na região por onde ele passava no momento não tinha sinal de civilização por perto. Olhou para ver se via alguma coisa e para sua infelicidade ele viu.

A figura estava em pé, na barreira, parada. Ele ficou assustado, pois não conseguia reconhecer quem era, apenas via uma silhueta humana escura, por conta da distância entre a barreira e a orla da praia.

Com um salto certo, ele viu quando aquela criatura pulou exatamente em sua direção, mas o que aconteceu foi muito estranho. Ele não viu mais ninguém, o que sentiu foi apenas um peso enorme nas suas costas, junto com a mochila que carregava.

Passado esse episódio, o homem seguiu viagem, mas sempre se incomodando com o peso em suas costas. Tirava a mochila para ver se aliviava, mas o peso continuava ali.

Depois de muito tempo, já tomado pelo cansaço e pela dor nas costas, ele chegou próximo à sua casa, que ficava do outro lado do rio Cahy. “Graças a Deus, já estou em casa” pensou ele.

Então tirou a mochila para atravessar o rio, e quando encostou os pés na água sentiu que aquele peso que havia tomado conta de si sumiu rapidamente no mesmo instante em que ouviu um barulho na água, como se alguém tivesse pulado no rio. Imediatamente ele atravessou o rio, e ao chegar do outro lado, teve a mesma sensação de peso em seu corpo. Ele já não tinha dúvidas, aquela figura que ele avistara na barreira pulou em suas costas e o seguiu até ali, saindo apenas para atravessar o rio e depois retornou para o mesmo lugar.

O homem tinha um cachorro que sempre que ele viajava, o cachorro vinha esperar ele do outro lado do rio. Nesta noite, o animal ficou esperando-o de longe e estava latindo muito, como se estivesse sendo assombrado por alguma coisa. Ao chegar em frente à sua casa, o homem chamou pelo nome da sua mulher pedindo para ela abrir a porta e a alertando para não acender nenhuma luz, temendo que visse algo desagradável.

Ver, ele não viu, mas quando pôs os pés no batente da sua casa, sentiu aquele peso em suas costas pulando forte no chão e o pulo foi seguido por um grito tão horripilante, tão agudo que todas as galinhas do galinheiro começaram a cacarejar assustadas e o cachorro começou um latido bem pesaroso.

O homem entrou rapidamente, fechando a porta, enquanto escutava os matos se

quebrando mata adentro. Ele se deitou na cama e se cobriu dos pés à cabeça e não falou uma palavra com sua esposa até o dia seguinte.

Este relato é contado por alguns moradores da comunidade e poucos sabem disso. Pois o homem que passou por esse episódio já não está mais entre nós.



Professora Indígena: Valdirene Sales dos Santos – Larawê

Experiência: **“Territorialidade Pataxó: Memória, História e Saberes Ancestrais”**

O **Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha** está localizado na Aldeia Indígena Coroa Vermelha, no Território Coroa Vermelha, no extremo sul da Bahia, mais precisamente entre os municípios de Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro. O colégio atende alunos do ensino médio da comunidade e alunos não indígenas dos bairros próximos. O colégio oferece uma educação diferenciada que respeita a cultura e a língua dos povos originários da região.

A feira de ciências com o tema Territorialidade Pataxó: Memória, História e Saberes Ancestrais teve como objetivo restabelecer o vínculo com as tradições ancestrais e as sabedorias Pataxó, bem como valorizar os nossos anciões como mestre de saberes e da oralidade. Aprofundamos nosso conhecimento através da produção de biografias e memórias, documentários que contaram as histórias de vidas de diversos anciões e anciãs de nosso povo, demonstrando sua importância na resistência e na manutenção do nosso modo de vida.

O Povo Pataxó, assim como outros povos indígenas têm tradições orais que são passadas de geração em geração. Os anciões desempenham o papel crucial na preservação de história e cultura. Narram cosmologia da criação, ensinamentos morais, histórias sobre origem, cultura e lições sobre a natureza:

No alto da montanha, sob o céu estrelado,
Caminham os anciãos, de rosto marcado.
Coroa vermelha, símbolo de poder,
Guardam histórias que nos fazem viver.
Com passos serenos, trazem a memória,
De um tempo sagrado, repleto de glória.

Sabedoria ancestral em cada olhar,
Segredos do vento e do mar.
Falam das lutas, da terra e do chão,
Do canto das aves e do rio em canção.
Suas mãos calejadas desenham o passado,
Um legado vivo que nunca foi esquecido.
Sentados à sombra da árvore frondosa,
Compartilham saberes com voz respeitosa.
Ensinam os jovens a valorizar,
As raízes profundas que nos fazem sonhar.
Anciãos de coroa vermelha, guardiães da verdade,
Tece o futuro com fios de humanidade.
Em suas histórias, encontramos união,
A força da vida em cada coração.
Que nunca se apague a luz desse saber,
Que os anciãos nos guiem e façam renascer.
Pois na dança do tempo e no ciclo sem fim,
A voz dos anciãos é um canto de amor por mim

Poema produzido pela turma do 1º ano do ensino médio de 2024








No ano de 2024, na feira de ciências, a turma do 1º ano integral ficou responsável pelas pesquisas de memórias e territorialidades do Povo Pataxó. Como é uma aldeia urbanizada, com várias aldeias pequenas próximas, cada turma ficou com uma parte da aldeia. Minha turma ficou com o Cruzeiro e eu gostei porque foi onde eu vivi a minha infância.

Os alunos tiveram que passar pelos territórios e saber a história daquele povo que chegou ali. Conseguimos catalogar algumas experiências e histórias, não conseguimos pegar todos, porque tinham muitos.

Dividimos a turma em oito grupos, cada um ficou responsável pela história de um ancião. Os estudantes fizeram as entrevistas, gravaram e transcreveram, tiraram fotos e construíram os relatos. E o produto final foi a biografia desses anciões e um minidocumentário apresentando o processo de ida nas casas para a escuta.

Além dos memoriais, alguns conseguiram construir a árvore genealógica dos anciões. No final, esse memorial foi entregue à família dos anciões e todos eles foram

assistir o documentário na escola.

<p>Honorato Ferreira 66 anos</p> <p>Relata que veio para Coroa Vermelha, pois seu antigo lugar de moradia (Barra velha) as coisas eram mais difíceis</p> 	<p>Emília Maria da Conceição de Jesus 90 anos chegou em Coroa Vermelha em 1984</p> <p>Veio para Coroa Vermelha por conta dos estudos dos seus netos Jerry e Aruã.</p> 
<p>Alberto do Espírito Santo Matos (Pajé Itambé) 90 anos</p> <p>Veio para Coroa Vermelha por conta da beleza da cidade , que admirava desde pequeno , Foi o primeiro cacique e hoje é o Pajé</p> 	<p>Joana da Conceição Braz 84 anos</p> <p>Foi impulsionada pela hospitalidade das pessoas, o comércio era bom.</p> <p><small>"escutem seus pais e sigam pelo caminho do bem. O amor e o respeito sempre nos levam além"</small></p> 
<p>Bernada Lene Bomfim 81 anos</p> <p>Fala da boa convivência dos moradores de antigamente, todos próximos, se criavam juntos</p>  <p>Hilda Francisca Santana 82 anos Chegou em 1992 Relata que eram nômades, que encontraram em Coroa vermelha oportunidade de melhoria</p> 	<p>Chico Índio e Dona Rosa 73 anos e 60 anos</p> <p>Chegaram em Coroa Vermelha em 1974</p> <p>Um dos primeiros habitantes da Aldeia , ele ocupou cargo na gestão do município de Santa Cruz Cabralia como vereador</p> 

Anciãs e anciões entrevistados.

O trabalho com memória e ancestralidade é uma forma de resistência contra processos históricos de apagamento e dominação. Ao dar voz e visibilidade às narrativas Pataxó, contribuimos para o protagonismo desse povo em contar sua própria história e definir seu futuro.

A experiência foi importante porque tocou em pontos cruciais da existência de um povo: sua história, sua identidade, seus saberes e sua luta por reconhecimento e preservação. É um trabalho que honra o passado e constrói um futuro mais consciente e

respeitoso.

Os desafios encontrados foram: a falta de equipamentos adequados e de fácil manuseio para os alunos coletarem as informações; encontrar os anciões em suas residências; e conseguir coletar a história dos que já se encontram bem debilitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização das nossas vivências como professoras indígenas no contexto da Licenciatura Intercultural nos permitiu compreender que muitos dos projetos desenvolvidos nas escolas indígenas têm como foco a produção de memórias. Essas experiências buscam fortalecer os vínculos entre escola e comunidade, valorizando os saberes, as tradições, a cultura e a ancestralidade de nossos povos.

Os relatos apresentados demonstram que o diálogo intergeracional é essencial como forma de transmissão de conhecimentos. Ao ouvir os mais velhos, os estudantes não apenas aprendem conteúdos, mas vivenciam processos de pertencimento e reconhecimento de suas histórias. Projetos como o *“Memórias Literárias”*, *“Resgatando contos para o Luau na Comunidade Indígena Tawá”* e *“Territorialidade Pataxó: Memória, História e Saberes Ancestrais”* mostram como a oralidade e a escuta dos mais novos contribuem para o registro das memórias dos anciões, eternizando suas narrativas e fortalecendo a identidade coletiva.

As experiências relatadas também apontam para a potência da educação intercultural na valorização dos conhecimentos tradicionais. O projeto *“Plantas Medicinais na Comunidade Trevo do Parque”* nos ensina que a medicina indígena, por exemplo, é parte fundamental da cosmovisão dos povos, transmitida de geração em geração e profundamente conectada à floresta e ao cuidado com o meio ambiente. Iniciativas pedagógicas que envolvem aulas de campo, ludicidade e contato direto com esses saberes promovem o desenvolvimento de habilidades científicas sem desconsiderar os modos próprios de aprender dos nossos povos.

As atividades envolvendo os sítios arqueológicos e a urna funerária evidenciam a potência de compartilhar com as crianças a descoberta de artefatos ancestrais e sua relevância na comprovação territorial. Além disso, permite incluí-las no processo de concepção do museu que abrigará essas peças históricas. Daniel Munduruku afirma que, na cosmovisão indígena, a criança é um ser integral, que ensina e aprende ao mesmo

tempo. Por isso, integrá-la desde cedo à cultura de seu povo, como protagonista dessa história, é essencial para o fortalecimento da ancestralidade e da identidade coletiva no presente.

O projeto da “*Feira Nordestina*”, por sua vez, reforça a importância de espaços de valorização das identidades regionais e sua relação com as identidades étnicas, fortalecendo os laços sociais e promovendo o reconhecimento da diversidade cultural como elemento educativo.

A elaboração deste artigo revelou a riqueza e a complexidade das práticas educativas nos contextos indígenas. As experiências vividas e relatadas mostraram que, apesar dos desafios enfrentados, há um movimento constante de resistência, criação e fortalecimento das pedagogias próprias.

Concluimos, assim, que a educação escolar indígena vai muito além da transmissão de conteúdos: ela é um território de luta, memória e afirmação identitária. As experiências compartilhadas nos convidam a continuar promovendo espaços de escuta, diálogo e construção coletiva do conhecimento, nos quais as vozes indígenas sejam respeitadas, visibilizadas e protagonistas.

Que este trabalho inspire novas práticas pedagógicas e materiais didáticos, contribua para o fortalecimento das nossas escolas e reforce o compromisso com uma educação que valorize os saberes ancestrais e caminhe lado a lado com os povos indígenas na construção de um futuro mais justo, plural e enraizado em nossas memórias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. Atualizada até a Emenda Constitucional nº 135/2024. Brasília, DF: Senado Federal, 2024. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/662348/CF88_EC135_separata.pdf. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DANIEL MUNDURUKU. *Olhar Indígena – Daniel Munduruku fala sobre Educação Indígena*. 2021. Vídeo (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUmx7kIGn7w>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. *Vozes da Floresta | Ailton Krenak*. 14 abr. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w&ab_channel=LeMondeDiplomatiqueBrasil. Acesso em: 1 set. 2025.

MUNDURUKU, Daniel. *Vozes ancestrais: dez contos indígenas*. São Paulo: FTD Educação, 2016.